

Investigar é precis



Procurar nossas origens não só nos permite recuperar os nomes dos antepassados e as épocas em que viveram, como também representa uma viagem de regresso aos meandros da memória familiar e comunitária que o tempo parece apagar

A paixão pela genealogia vem da necessidade de descobrir o mistério das nossas próprias origens, respondendo a uma das questões existenciais, dos homens e das mulheres, mais comuns de todos os tempos: de onde viemos? E, como se costuma dizer, precisamos encontrar a resposta para essa pergunta se quisermos saber para onde vamos. Frequentemente pensamos que traços do nosso passado ficaram irremediavelmente perdidos. Mas, na verdade, é possível encontrar pistas seguindo o fio que nos liga à História, procurando em arquivos e outras fontes, ou onde documentos que preservam as ligações com os nossos antepassados estão armazenados.

Olhamos para nós e para as nossas escolhas procurando uma identidade à nossa semelhança. Em vez disso, deveríamos pensar no passado e nas pessoas que nos precederam e que, de alguma maneira, transmitiram umas às outras o testemunho da vida. É um sentimento que quebra o nosso próprio sentido de singularidade, como descreve o jornalista Marcus Frediani. Nascido no Brasil, ele realizou, após muita pesquisa, o sonho de viajar para Lucca, a cidade natal de seus pais, na região da Toscana, ao norte de Roma: “Finalmente, senti que eu fazia parte de um todo. São sabores diferentes, ares diferentes. Não parecia que era minha primeira viagem à cidade. Me senti em casa, indo à praça central tomar sorvete e à igreja. Pude fazer uma montagem de um quebra-cabeças da minha origem, mesmo que ao contrário. Comecei

adulto e fui pegando os fragmentos da minha infância”, descreve.

A também jornalista Márcia Braghiroli, que descobriu registros familiares na região da Lombardia, na extremidade norte da Velha Bota, teve o mesmo sentimento que o seu colega de profissão: “Me senti em casa”, afirma. “É um sentimento que parece estar no sangue. Nem parece que estava em outro país. Não tive dificuldade alguma de adaptação, nem mesmo com o idioma”, conta.

As surpresas que esse tipo de busca pode trazer são incontáveis: encontro de parentes vivos, visita a lugares onde viveram os antepassados e, claro, muita emoção. Mas nem todas as histórias são inteiramente agradáveis.

Uma família de Botucatu, interior de São Paulo, que preferiu não se identificar, foi até a Itália para desvendar suas raízes. Marido, esposa e filho mais velho não tiveram grandes dificuldades para achar primos e tios vivos, e a linhagem genética se confirmou através de fotos e documentos. Porém, os três não conseguiam informações mais concretas sobre a figura do bisavô, tão comentada e cultivada entre os parentes brasileiros. Quando perguntavam a respeito dele, os italianos desconversavam. Até que, em um livro de registros da pequena cidade em que estavam, descobriram uma ficha do ascendente. Entre outras informações burocráticas e desinteressantes, estava registrado: “Acusado de atentado violento ao pudor”. Descoberta que, por outro lado, não tirou o glamour da viagem, não desfez a satisfação de terem



Imagens da pequena cidade de Lucca, na região da Toscana, de onde veio a família de Marcus Frediani. Ele é uma das muitas pessoas que se entregam à pesquisa de suas origens.

encontrado parentes vivos e, de certa forma, até contribuí para aumentar a mística em torno da figura do bisavô mesmo batendo o nome dele com o que estava na ficha, alguns de graus de parentesco eram contraditórios, deixando-os na dúvida se realmente haviam achado a pessoa que procuravam.

Em sua viagem à Itália, o jornalista Marcus Frediani não passou por nenhuma situação parecida. Por outro lado, também se sentiu reconfortado ao conhecer homens e mulheres que carregavam o mesmo sangue que o seu. “Não tínhamos parentes aqui no Brasil, apenas amigos. Então eu tinha necessidade de ter contato com essas pessoas da Itália”, justifica.

Por isso devemos pensar nos nossos antepassados não só como fazendo parte da nossa herança genética. Isso porque, através das suas escolhas, eles condicionaram de alguma maneira o nosso modo de vida, a nossa existência. O processo de reconstrução de nossas origens consiste, ainda, em prestar um tributo aos antepassados que, de uma forma ou de outra, lutaram para sobreviver e para constituir suas posteridades. Acrescente a isso o sentimento de realização e compreensão de

toda uma realidade que, às vezes, parece desconexa, vazia, insossa adjetivos que facilmente caem por terra ao se investigar e, mais que isso, descobrir os mistérios que o passado longínquo pode reservar.

O caminho de casa

Mas, como fazer essa reconstrução? Que passos devemos seguir até encontrar o trajeto de volta às nossas origens? Em primeiro lugar, é preciso procurar registros: vasculhar a casa em busca de fatos e conversar com parentes mais idosos. Os dados que se pode conseguir com estes métodos criam uma base firme para a pesquisa futura. Nosso próprio lar ou o de um parente podem ser fontes surpreendentes de informações da família. Claro, se soubermos onde olhar: papéis como livros, certificados de escolas ou trabalhos, diários, agendas, álbuns de fotos, testamentos e escrituras, que podem fornecer indícios valiosos sobre os antepassados e os eventos de suas vidas.

Outro passo importante é registrar toda informação obtida sobre os parentes, como nascimentos, casamentos, óbitos, datas e locais, mergulhando o mais fundo possível nas suas

continua na pág. 27→

Origem do sobrenome italiano

Por Edoardo Coen

Acompanha-nos desde o nosso nascimento, e estamos tão acostumados a ele que o pronunciamos sem ter, contudo, a curiosidade de conhecer o seu significado. O sobrenome, ou **segundo nome** (em italiano, **cognome**), surgiu quando o ser humano, tendo abandonado o sistema tribal e do clã, começou a viver em uma sociedade organizada. Ele servia justamente para diferenciar os membros dos diferentes grupos familiares que formavam o aglomerado em que viviam.

De forma resumida, podemos dizer que um primeiro passo em direção a um sistema moderno de onomástica foi dado pelos etruscos, dos quais os romanos copiaram os três elementos tradicionais: **Praenomen**, **Nomen** e **Cognomen**. Mas como funcionavam, ou melhor, qual era a função desses três elementos?

Por exemplo: em **Caio Julio César**, o famoso e conhecido general e político da história romana, **Caio** é o **Praenomen**, equivalente ao nosso nome de batismo; **Julio** é o **Nomen**, da “gens” Julia (por “gens” se entendia um complexo de famílias unidas por vínculos de sangue comuns), e **César** é o **Cognomen**, que na verdade é um apelido. Apesar do contraste do termo, o **Nomen** era o que mais se aproximava do sobrenome moderno. Esse sistema, porém, era adotado apenas pelas classes patrícias e eqüestres. O povo, ou seja, a plebe romana, usava o sistema patronímico e matronímico, ou seja “fulano(a) filho(a) de sicrano(a)”, que nada mais é do que o mesmo sistema dos povos semitas (árabes e judeus), que ainda usam os termos **bin** e **ben**, que nas duas línguas significam justamente **filho**.

Em seguida, com a queda do Império

Romano em plena Idade Média, houve uma completa reviravolta social, devido principalmente às invasões de outros povos, que traziam diferentes costumes e tradições. Assim, caiu o tradicional sistema onomástico romano. O povo, porém, continuou a adotar o sistema patronímico e matronímico. Foi justamente nesse período que começaram a surgir os primeiros sobrenomes italianos modernos. Com o avançar dos séculos, já em plena época feudal e com a consolidação dos grandes burgos e cidades, os homens, sempre com a necessidade de diferenciar-se uns dos outros, começaram a adotar como **segundo nome** (o que explica o termo italiano **cognome**, que significa **com nome**) formas obtidas de nomes pessoais, apelidos que se referiam a características físicas, morais, à atividade que o indivíduo exercia, a determinativos étnicos (lugar de origem) e assim por diante.

No entanto, o primeiro grande passo em direção ao sistema que conhecemos deu-se por uma disposição do Concílio de Trento (1564), que tornava imutável, obrigatório e transmissível o sobrenome. Isso para facilitar a cobrança de impostos, mas principalmente para evitar casamentos e uniões entre consangüíneos. Atualmente na Itália, calcula-se que existam aproximadamente 257.000 sobrenomes documentados.

Os sobrenomes italianos, assim como os conhecemos hoje, remontam a uma dezena de séculos. Podemos, com toda a certeza, afirmar que, bem antes da chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral nas praias da Terra de Santa Cruz em 1500, eles já estavam documentados.

“Está no sangue”

“Tudo começou devido à cidadania italiana, que estou tentando conseguir. Eu sempre fui apaixonada pela Itália, sempre tive vontade de conhecer. Os dois lados da minha família são descendentes: tenho tataravô italiano por parte de pai e bisavô por parte de mãe. Eu e meus irmãos crescemos indo a cantinas italianas, ouvindo músicas, mas não tivemos contato com a língua. Eu queria muito aprender a língua italiana. Acho até que demorei para começar (faço aulas particulares há três anos).

Quando visitei a Itália pela primeira vez, em julho do ano passado, fui de férias. Foi a grande viagem da minha vida. Fiquei duas semanas lá e senti que precisava conhecer minhas origens mais profundamente. Estive em Mantova, que é a cidade dos meus antepassados. Como divisão geográfica, existe a cidade, a província e a região. Existe a região da Lombardia, a província Mantova e a cidade Mantova. Minha cidade é San Benedetto Po. Fui no *comune*, fui no arquivo da cidade e não achei os documentos. Foi muito interessante conhecer a cidade natal de meus antepassados. Não é altamente turística, mas foi ótimo conhecer. Tive uma pessoa que me recebeu e me ajudou pois eu fazia aulas de italiano aqui no Brasil com uma professora que é filha de italianos. Ela tinha

uma prima lá, que me recebeu e me mostrou a cidade. Fiquei somente um dia lá, mas foi ótimo. Fiquei com vontade de voltar logo. Achei que voltaria depois de uns dois anos, mas consegui voltar antes, neste ano. Vendi meu carro e apliquei o dinheiro em uma nova viagem. Desta vez fiquei seis meses.

Uma outra pessoa me ajudou a encontrar os documentos, fez a busca para mim. Eu tinha apenas o nome completo do meu tataravô e da esposa dele, e sabia que eram de Mantova. Mas não sabia se eram da cidade ou da província de Mantova. Normalmente a pesquisa é feita no *comune*, na igreja onde se casaram, etc. Não há certidão de nascimento, mas sim a de batismo. Meu tataravô nasceu em 1870 e não havia registro civil. Fui achando as certidões. Depois disso, procurei aqui no Brasil os registros dos descendentes que vieram pra cá. De posse desses documentos, pretendo agora dar entrada na cidadania na Itália, que é mais rápido.

Conhecer a Itália e, mais especificamente, a região de onde vieram meus antepassados, foi a realização de um sonho! A cultura é muito diferente da nossa, por ser muito antiga. Vêem-se igrejas dos séculos II e III. Vemos coisas que aqui não existem, o que nos enriquece muito. Para mim foi ainda mais enriquecedor, pois tenho origens lá. Não tinha vontade nem de visitar outro país. Fomos também para Portugal e França, mas a minha vontade sempre foi ir para a Itália, está no sangue, me sentia em casa. Não tive dificuldade alguma de adaptação, o que é de se esperar de quem está em outro país. Não tive dificuldade nem com a língua, pois continuei estudando lá.

De posse da cidadania italiana, quero voltar para a Itália e, quem sabe, morar lá definitivamente...”

Márcia Braghiroli



Piazza delle Erbe, Mantova



“Sentimento de obrigação”

“Sempre tive uma curiosidade muito grande de conhecer melhor minhas origens. Meus pais me passaram esse desejo pelas histórias que contavam. Meu pai veio para o Brasil em 1951, e minha mãe, um ano depois. Vieram por conta da guerra: a Itália foi muito castigada, estava tudo destruído e não havia oportunidade de emprego. Eles eram da mesma região: da cidade de Lucca, na região da Toscana, ao norte de Roma, noroeste do país. Eles moravam em uma montanha. Se a situação já era difícil para quem morava na cidade, no campo era ainda pior. Então, meus pais se casaram e ele, que já tinha parentes no Brasil, veio primeiro. Os italianos que vieram para cá tinham uma carga de responsabilidade muito grande, vinham com o objetivo de conseguir uma vida melhor. Meu pai enviava dinheiro para meus avós, que

ficaram na Itália. Com o tempo, a situação aqui foi se complicando. Minha mãe engravidou duas vezes e meus irmãos morreram. Com tudo isso, criou-se um distanciamento de meus parentes, porque havia por parte do meu pai muito orgulho e dificuldade em admitir que as coisas por aqui não iam bem. Meus avós morreram e as notícias dos parentes italianos vinham cada vez mais esporadicamente. As relações foram se perdendo. Meu pai tinha três irmãs e minha mãe um, irmão. Não conheci meus avós. Não tínhamos parentes aqui no Brasil, apenas amigos. Isso foi gerando uma inquietação em mim e um sentimento de obrigação de conhecer minhas origens.

Em 1989 resolvi usar algumas economias para, finalmente, conhecer a Itália. Eu já tinha dois filhos e gostaria que eles tivessem essas referências. Foi a melhor coisa que fiz em toda a minha vida! Fomos todos: eu, minha esposa, minha mãe e meus dois filhos. Ficamos um mês. Eu precisava ir logo, pois minhas três tias (irmãs do meu pai) e meu tio (irmão da minha mãe) eram bem idosos. Para se ter uma idéia, eu tenho primos de 80 anos.

Quando cheguei, tive a nítida sensação de já ter passado por aquele lugar. Meus pais, mesmo tendo se afastado de seus familiares e de sua terra natal, nunca deixaram de me falar a respeito. Essa viagem teve uma função muito importante: me familiarizou bastante com os



Imagens do casal Claro e Giovanni Frediani, pais de Marcus Frediani, que chegaram ao Brasil na década de 50. Em seus arquivos, ele guarda imagens da cidade de Lucca, onde nasceram suas raízes. Na outra página, os parentes que conheceu na Itália.



locais e os costumes dos meus antepassados. Toda a minha família mora em uma vila, que é inteira dos Frediani. Fomos acolhidos de forma muito hospitaleira e, finalmente, senti que eu fazia parte de um todo, o que não acontecia aqui no Brasil. São sabores diferentes, ares diferentes. Senti-me em casa, indo à igreja e à praça central para tomar sorvete. Pude montar o quebra-cabeças da minha origem. Um primo me deu livros com registros históricos e fotográficos desde 1700. Essa vila é um círculo fechado de pessoas, onde o filho de um casa com o filho do outro. Meu pai e minha mãe têm o mesmo sobrenome, mesmo sem ter parentesco direto. Assim, o nome dela é Clara Frediani Frediani.

Sempre tive vontade de conhecer e ter contato com o clã, e finalmente havia conseguido. Uma simples curiosidade acabou virando uma busca sistemática. Eu perguntava para a minha mãe até onde ela lembrava, então eu ia aos *comune* e levantava nos livros de registro datas de nascimento, documentos dos antepassados. Comecei a ir atrás dessas histórias. De volta ao Brasil, a internet facilitou bastante. Se eu entrava em um site de busca e escrevia Frediani, aparecia um em San Diego, nos Estados Unidos, por exemplo. Então, eu mandava um e-mail para ver se éramos parentes. Quando surgiu a ferramenta do Orkut, foi melhor ainda. Percebi que descobrir a origem da família não era uma obsessão só minha: isso é comum entre muitas pessoas, mesmo jovens, ao contrário do que se pode pensar. Tudo isso me fez amadurecer muito e reconstruir uma parte da minha história. Ainda tenho contato semanal com meus parentes.”

Marcus Frediani



memórias. Comece com você (ou, se já tiver descendentes, filhos, netos etc), passando para gerações passadas - o mais distante que puder lembrar. Anotando tudo, será possível identificar as partes onde faltam dados ou onde estes se contradizem. Uma vez feita a lista, é interessante pedir a seus parentes toda a informação que puderem ter, principalmente os membros mais velhos da família, porque eles são o único registro de informações sobre antepassados antigos. Pais ou avós podem ter alguma memória “do antigo país” ou ao menos alguma história passada de geração a geração sobre suas origens. Lembre-se: organização, método, paciência, empenho e coragem são premissas nesse trabalho de investigação. O ofício detetivesco dependerá de muita conversa com os parentes sobre a história da família. Juntos, todos podem tecer fios mais consistentes nessa complexa teia genealógica. Há muitas maneiras de entrevistá-los: é possível gravar as falas ou fazer uso somente de anotações. É importante também ter em mente que há uma grande possibilidade de você não ser a única pessoa que pesquisa sua família. Se souber de alguém que já tenha trabalhado na árvore dos ancestrais, entre em contato com essa pessoa e tentem compartilhar o que já foi encontrado. Além das fontes dentro de sua família próxima, é possível que um parente mais distante possa estar realizando a mesma pesquisa, talvez de um ângulo diferente ou seguindo uma linha de um antepassado comum.

Enfim, apesar de trabalhoso, o processo de construir uma árvore genealógica é muito recompensador, podendo trazer à tona informações e sentimentos perdidos por entre as atividades do dia-a-dia. A internet disponibiliza recursos maravilhosos que facilitam a busca por informações acerca de lugares em todo o mundo, da menor aldeia até bairros e cidades. Muitos sites, como os que estão abaixo, podem auxiliar o usuário a

Investigue na internet

- www.imigrantesitalianos.com.br
- www.genealogiafamiliare.it
- www.memorialdoimigrante.sp.gov.br
- www.projetoimigrantes.com.br
- www.portallitalia.com.br